



Isabela Gentil

Grito à
Liberdade

A Primavera brotava pela terra. O cheiro das flores invadia a atmosfera. O sol sorria feliz na sua casa, este céu tão azul. A Primavera é como o chilrear livre dos pardais, numa manhã como esta.

Os primeiros seres semelhantes a mim que encontrei foram os meus queridos netos. A Matilde tem treze anos: é uma jovem rebelde, sonhadora e bondosa. O André é mais velho e mais calmo do que a irmã. É um rapaz assertivo, calado, inseguro, às vezes, mas atento. Ambos são curiosos. Sempre me disseram que também sou curiosa. Ah, agora lembrei-me que ainda não vos contei quem sou. O meu nome é Liberdade. Tenho 63 anos e nasci no Montijo. O meu maravilhoso marido já faleceu.

Nesta linda manhã de sol estavam dois jovens presos ao telemóvel, não sei a fazer o quê... Como é que não aproveitam a liberdade de poder acordar e sentir, viver, ouvir, crescer com tudo aquilo que os rodeia?

Hoje é um dia muito especial, um dia marcante na minha vida e também na de muitas pessoas. Por isso é que não posso deixar que os meus netos vivam colados aquele objeto.

- Olá meninos, bom dia!- declarei, sorridente e cheia de energia.

- Hey vó!- respondeu a menina de olhos claros que se encontrava mesmo à minha frente.

- Têm algum tempo para me ouvir ou preferem ficar aí, dessa forma?- perguntei ligeiramente aborrecida- Tenho uma história muita emocionante para vos contar.

Matilde e André olharam um para o outro e sorriram. Consegui convencê-los. Fomos para o jardim. O sol brilhava ainda mais, os passarinhos chilreavam num tom afinadíssimo. Estava a ouvi-la, estava a ouvir-te minha liberdade! E foi assim que tudo começou...

Hoje faz 44 anos desde que pude, finalmente, viver fora das minhas próprias fronteiras. E hoje sinto que devo, mais do que em qualquer outra altura, relembrar essa passagem, que permanece tão viva e tão simbólica para mim. Esse dia em que deixei de ser a mesma...Em que deixamos de ser os mesmos!

Vivíamos em plena ditadura. Tínhamos como pai e salvador Salazar, que vivia para este nosso grande Portugal, com riquíssimas colónias e onde a

ordem imperava. Enfim, éramos de facto os maiores: tínhamos pobres, muitos pobres, milhões de analfabetos, uma agricultura miserável, uma indústria ínfima certamente comparável à da grande Inglaterra, os cofres do Estado estavam recheados de ouro reluzente e a Igreja estava presente na nossa vida vinte e quatro horas por dia. Um país extraordinário, sem dúvida!

Sempre me achei livre. Pensava que a minha liberdade era aquela que eu tinha. Foi naquela liberdade que nasci e para mim essa era a liberdade. Enquanto somos crianças nunca pensamos nas coisas. Enfim, cresci no Montijo, na altura, uma vila cheia de fumo negro e de pessoas que arduamente trabalhavam. Os comerciantes passavam por lá muitas vezes e eu imaginava que eles me podiam levar dali. Também havia por lá muitos pescadores, muitos endinheirados que investiam na cortiça e na suinicultura.

Foi quando cheguei à adolescência que me comecei a aperceber de certas factos que nunca me tinham chamado à atenção antes. Vivi sempre no meio daqueles trabalhadores e trabalhadoras, alguns deles eram até meus vizinhos. Num dia ouvi umas conversas sussurradas em casa e depois no meio da vizinhança, em que se falava que o vizinho Manuel, o tio Zé e a D. Maria tinham sido presos. Na altura considerei isto como algo demasiado estranho e incomum. Passados alguns dias, ouvi o meu pai contar lá em casa que todos eles tinham sido presos porque eram comunistas e o governo salazarista mandava prender e maltratar essas pessoas, pois defendiam um partido clandestino que lutava pelos operários. Foi aí que tive o meu primeiro contacto com a Polícia Internacional de Defesa do Estado, a tão famosa PIDE.

A partir daquele momento tudo mudou para mim: o que era normal passou a anormal, o que era aceitável, passou a inaceitável. Senti que a minha vida tinha ganho um novo propósito. A juventude é a época da força e da coragem, de cometer erros e da indignação. Decidi ir à luta! Decidi dar voz à minha revolta que aumentou quando me apercebi de tudo o que acontecia no meu país. Na altura, surgiram vários conflitos entre mim e os meus pais, porque não concordava com as supostas tarefas que só as mulheres é que deviam desempenhar. Não queria aceitar ser tratada como um mero objeto. Sou mais do que isso, sou Liberdade!

Assim que cheguei a Lisboa para ingressar no ensino universitário, em 1969, deslumbrei-me com a capital. Entrei para a Faculdade de Direito de

Lisboa e confesso que o mais impressionante para mim durante este ano foi a luta estudantil que grassava nos grandes polos universitários portugueses. As canções do maravilhoso Zeca e do Adriano estavam sempre no nosso ouvido e boca. Lembro-me tão bem “Canta camarada, canta” “Não há machado que corte a raiz ao pensamento, porque é livre como o vento, porque é livre”. Sentíamos que estava a começar o ocaso do espartilho que era o Estado Novo. Pelo menos tínhamos essa esperança.

Nesse ano fui trabalhar para a Livrelco, uma cooperativa livreira. Desde jovem que era apaixonada por livros. Precisava do dinheiro e percebi que aquela era uma forma de trabalhar que adorava. Foi na Livrelco que conheci o meu marido, na altura um jovem defensor dos ideais do Partido Comunista.

Durante aquele ano ouvia-se pelos corredores daquele mundo de imaginação vozes que se sentiam inspiradas pelo Maio de 68 de França. Sonhava-se tanto por ali com um episódio semelhante neste Portugal periférico. Ao longo dos anos que foram passando, aquele espaço ia-me fascinando ainda mais, pois ali concentravam-se mentes, ideias, pensamentos e sonhava-se com a mudança.

Durante os anos que ali trabalhei as visitas inesperadas da nossa adorada PIDE eram uma constante, porque estes desconfiavam (e com razão) que por ali se folheavam muitos dos livros que faziam parte da lista proibida. Chegavam, miravam todos os livros que podiam e investigavam os livros das prateleiras. A verdade é que nós não eramos tolos e, como tal, tínhamos esconderijos que nunca foram descobertos.

No verão de 1973 casei e já quando namorava frequentava com o meu marido algumas das reuniões do Partido Comunista Português. Não me identificava propriamente com os ideais defendidos, gostava de ouvir apenas as mensagens de todos aqueles que ansiavam pela renovação. Queríamos terminar com o legado do Estado Novo. E foi assim que em dezembro de 1973 nasceu o meu plano de fazer uma manifestação pela liberdade, inspirando-me nas inúmeras experiências que tinha vivenciado. Durante três meses preparei o meu projeto com um conjunto de pessoas, entre as quais o meu marido, Ana, Zé, Manuel, Quina, Nanda e o Tó. A manifestação “Grito à Liberdade” queria libertar todos aqueles que estavam presos injustamente, queria fazer com que as eleições fossem livres, que o lápis azul não fosse utilizado e lutar pela

evolução. Queríamos a liberdade em todas as suas dimensões, porque sem liberdade nada mais fazia sentido.

Estava tudo a correr como planeávamos. O “Grito à Liberdade” iria entrar em curso dentro de pouco tempo, quando num dia chuvoso de Março, durante a noite, Quina veio a nossa casa e sussurrando, informou-nos que a PIDE sabia do nosso projeto e que mais tarde ou mais cedo viria buscar-nos. Quando ouvi isto não quis acreditar. Parecia impossível, porque tínhamos tudo tão bem planeado. Traição! Após tudo isto, nessa mesma noite, queimamos alguns papéis relacionados com o nosso projeto e pensamos que o melhor seria mesmo fugir. Primeiro foi o meu marido e eu, destemida, decidi ir apenas na manhã seguinte.

Naquela noite não preguei olho. Acordei de madrugada e por caminhos pus-me em direção à fronteira. Foi difícil chegar lá, algumas horas tive que andar para que não fosse tão facilmente vista, outras tantas passei em transportes, mas lá cheguei e assim o imprevisto aconteceu. No espaço de três horas acordei numa sala escura e estava um homem de bigode sebento à minha frente.

Não fazia a mínima ideia onde estava, porque quando me encontraram deram-me uma pancada enorme que desmaiei. Perguntei onde é que estava e o homem simplesmente me perguntou porque é que eu estava a organizar uma manifestação e quem é que eram os meus aliados para além do meu querido marido. Fiquei assutada quando percebi que, provavelmente, estaria numa prisão. Não disse uma palavra e o medo tomou conta de mim. O que é que seria de mim dali para a frente? Minutos se passaram e o homem começou a enunciar o meu nome, Maria Liberdade da Cruz, data de nascimento, 03 de agosto de 1959, idade, 25 anos, características principais, cabelo castanho claro, estatura baixa e elegante, olhos castanhos escuro, motivo de prisão, organização de uma manifestação contra o nosso Estado Novo e participação em reuniões ilícitas de partidos clandestinos que pretendem pôr um fim ao regime salvador de Portugal. Naquele momento percebi que estava presa. Os monstros contra os quais decidi lutar quando era adolescente estavam ali à minha frente. Achava eu que tinha liberdade para os enfrentar e disse que não tinha feito mal algum e que era livre para fazer o que queria. Naquele 05 de abril de 1974 a minha vida parou. Quando acabei de falar, o homem alto de

bigode amarelo e sujo levantou-se e pegou no meu braço bruscamente, atirando-me depois com muita força para o chão. E foi assim que fui pela primeira vez gravemente espancada. Durante longos anos questionei-me o porquê destas pessoas acharem que estavam a fazer o mais correto. Não conseguia perceber como é que elas não entendiam que viviam presas a um regime que comandava as suas ações, fazendo delas simples marionetas. As minhas pernas ficaram negras dos pontapés que levei. O sangue jorrava pelo meu nariz. A minha cabeça estava pesada até que chegou o momento em que deixei de sentir dor. Ouvia a voz ecoada do homem a dizer-me para falar, a ameaçar-me que só sairia dali quando abrisse a boca. Eu não era traidora, eu defendia a liberdade, não iria falar. Acabei por desmaiar outra vez e quando acordei estava numa cela cinzenta, feia, desagradável e ríspida.

Sentia-me fraca, dorida, suja.... O tempo parecia que não andava e passei aquela noite em branco. Não tinha nada, porque tudo me tinha sido retirado quando cheguei depois do interrogatório.

Os dias foram passando sem eu dar conta. Pouco comi. Todas as noites alguém era chamado àquela sala escura para torturarem essa pessoa. Quando o agente do bigode vinha com mais uns tantos e atiravam umas chaves, onde esta caísse, era a pessoa que estava presa naquele cubículo que iria passar por algo simplesmente terrível. O Álvaro, um amigo que conheci quando saí prisão, contou-me que quando chegou ao calabouço foi rodeado de agentes que o espancaram e que o obrigaram a andar sobre os pés feridos e inchados. Quando ouvi esta história, já em liberdade, pensei no quão terríveis eram aqueles seres humanos.

Numa altura em que tinha deixado de contar as horas e os minutos, as chaves do agente rabugento caíram defronte da minha cela. Arrepiei-me. Os agentes riam-se sarcasticamente. Quando chegámos à sala vazia fui espancada e chamaram-me tudo, insultando-me. Desta forma, pensavam eles, iriam conseguir obter resposta para as constantes perguntas que iam fazendo. Reparei que esta sala, ao contrário das outras, tinha cobertores para abafar o som dos gritos. Passadas umas horas, ordenaram-me que ficasse de pé. Depois mandaram-me sentar numa cadeira e depois levantar. Isto aconteceu durante horas seguidas. Senta, levanta, senta, levanta, senta, levanta... Estava estafada e cheia de sono. Aparentava ser já de madrugada e quando,

naturalmente, tentava dormir voltava a cacetada. Não dormi durante onze dias e onze noites. Uma das formas utilizadas pelos agentes para me impedirem de adormecer foi baterem na janela com uma moeda. Esse barulho parecia um tiro para uma pessoa que estava quase louca. Com isto acordava sobressaltada, porque adormecia de pé. Durante aqueles dias achei mesmo que ia morrer. Ameaçaram-me, insultaram-me, fizeram-me tudo, agentes homens e mulheres.

Acabei por voltar para a minha cela. Senti-me quase feliz e grata por tal ter acontecido. Depois de dormir por algumas horas, o silêncio voltou a ser insuportável. Estava a perder a racionalidade, por vezes alucinava e senti que tinha perdido a minha identidade. Durante uns dias estive assim e desejava loucamente ver pessoas. Aquilo para mim não era vida. Era tristeza, violência, terror. Era estar em *iliberdade*.

Aos vinte dias de estar presa, senti um aperto no coração. Pensei que era a morte que estava a chegar. Mal eu sabia que a mudança tinha chegado... No dia 25 de abril de 1974 ninguém naquela prisão deu pela revolução. Hoje quando penso que tal aconteceu sinto um orgulho imenso... Foi possível! O podre Estado Novo tinha sido derrubado! Quando no dia seguinte me disseram que podíamos sair porque já não havia mais ditadura, não acreditei. Achava que era mais uma das minhas alucinações. Porém, era verdade. Tudo tinha mudado e agora éramos um país democrático!

Assim que abandonei aquelas portas de Caxias, como depois vim a saber, senti-te o cheiro, a tua brisa e refloresci. Vencemos! Uma vontade galopante fez-me querer gritar e, então, gritei: viva a Liberdade!

- Uau, vó! Brutal!- exclamaram os meus netos em unísono.

- Sabem meninos, quero que um dia não se esqueçam de tudo o que passei naquela prisão. Sonho que no futuro vocês e todos os outros se lembrem e lutem para que não se viva mais naquele horror, num medo sem fim. Porque eu tive medo por mim e por todos vocês.- admiti, sentidamente .

E assim se gritou pela Liberdade!

Grito a Liberdade

Infinito céu onde sobrevoou uma ave

Se pudesse dar-lhe um nome

Chamar-lhe-ia Liberdade.

Os campos e as flores têm cheiro de saudade

Podia ter um aroma de amor e Liberdade.

Ao romper do dia passei pela cidade,

Descobri uma rua chamada Liberdade.

Olhando o mar azul, rompendo a claridade

A brisa sussurrou-me ao ouvido: viva a

Liberdade!